



COMUNICAÇÕES

É TUDO PARA AS CRIANÇAS...

*Yone Maria Rafaeli**

A importância da criança na história é dada como uma construção da modernidade. Só a partir do séc. XVIII é que foi desejada e cuidada com amor pelos pais, que passaram a evitar sua morte prematura, definindo-a como uma expressão particular na cultura e na sociedade.

P. Ariés (1978), em seu livro a *História social da criança e da família*, refere que a inserção da criança na vida familiar e social sofreu modificações em função de ideologias e concepções sociopolíticas. Foi sendo investida como prolongamento narcísico, para garantir a continuidade das gerações. Herdeira das esperanças, ela passou a figurar como uma aposta lançada ao futuro e ganhou uma representação de valor para a sustentação dos ideais familiares. A partir destes princípios, a família começou a se organizar em torno dela e a lhe dar tal importância, a ponto de se tornar impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor.

* Psicanalista, membro do setor Grupo de Estudos do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, membro do Serviço de Psicologia da Deric-PUC-SP. E-mail. rafapico@uol.com.br

Neste século, todas as nossas expectativas se voltam cada vez mais para este ser, inventado pela modernidade e tomado pela especialidade.

O pensamento moderno, ligado à cibernética, ao virtual, à efemeridade dos tempos, vem marcar a travessia do tempo do infantil para o mundo dos adultos carregado de idéias e ideais, em que tudo concorre para o tecnológico, a rapidez, ou a fluidez e a efemeridade. Corremos porque tudo no mundo atual tende a passar muito rápido. Esta é a eminência em que nos enredamos e loucamente levamos nossas crianças a ficarem também premidas pela temporalidade em que os homens preocupados com o futuro lhes impõem.

Colocamos nossas crianças precocemente diante de exigências e compromissos, transformando suas horas em “compromissos de agenda” ou transformando-os em empresários de si mesmos, produzindo uma antecipação no abandono das brincadeiras e das necessidades que seriam próprias do tempo da infância. Não vemos mais nossas crianças correndo pelas ruas empinando suas pipas ou simplesmente batendo uma bola. Se batem bola, é porque estão inscritas em uma escolinha de futebol, para no devir garantir a profissionalização!? A competição pelo prazer do jogo já vem carregada dos sentidos de sucesso ou fracasso, perturbando os efeitos do brincar.

Como afirma Freud (1908), em seu texto “Escritores criativos e devaneios”, a forma que a criança encontra de construir o saber e articulá-lo é brincando de vir-a-ser... com objetos escolhidos pela criança e/ou oferecidos pelo adulto. O brinquedo é o objeto que vem dar suporte imaginário, para facilitar o trânsito entre a imagem e a representação simbólica do objeto. Dessa maneira, a cena do brincar é a “ocupação favorita e mais intensa da criança” e responsável em lançá-la antecipadamente num futuro imprescindível para garantir sua estruturação psíquica. Quando este tempo não é respeitado, ou, ainda, como vemos no dia-a-dia de nossas crianças, é incrementado o sentido da concorrência entre a vida e a morte, entre o coroamento ou o fracasso, lançamos nossas crianças num campo fértil para a formação sintomática, como aprisionamento de um único sentido dado a sua atividade que deveria ser ainda o brincar.

Há um abandono prematuro do sentido da infância... da infância como imagem da felicidade, da imortalidade, da isenção da fadiga do trabalho e do peso do dever e das dívidas.

Mas o que queremos que nossas crianças satisfaçam ou nos devolvam com todas essas expectativas antecipadas?

Segundo Calligaris (1996), da criança esperamos que nos ofereça a imagem de uma plenitude e de uma felicidade que não é, e nunca foi, nossa, mas graças à qual podemos amar a nós mesmos. Para ele, a criança é a caricatura da felicidade impossível: vestida de feliz, isenta das fadigas do sexo e do trabalho, idealmente despreocupada.

Queremos retorno daquilo que não pudemos realizar, mas não abandonamos como projeto. Depositamos nelas a responsabilidade de não nos fazer viver novamente a constatação da felicidade impossível.

Premidos por mecanismos imperativos de que só tem lugar para os vencedores, transformamos nossas crianças, que ainda poderiam só brincar de serem adultos em miniatura, em verdadeiros executivos, que se angustiam e se deprimem com as frustrações e os fracassos esperados da infância. Elas se tornam agressivas diante do fato de terem perdido uma partida de *videogame* ou angustiadas por terem que suportar a falta do último lançamento de um jogo virtual que seu melhor amigo já ostenta poderosamente.

Os pais se desdobram para conciliar suas difíceis tarefas de trabalho, com o despotismo que seus filhos foram adquirindo pelas condições que a modernidade impôs a essas relações familiares.

A figura do super-herói aparece como personagem central das identificações, determinado por uma única referência identificatória: ser aquele que vai ter o sucesso, impedindo outros deslizamentos possíveis.

Perde-se a dimensão do faz-de-conta, e nossas crianças são entregues ao sonho do mundo novo, embarcando na sonhada utopia de sempre vencer os impossíveis, ganhar força e imortalidade; encarregada pela modernidade de resgatar e sustentar a promessa imaginária, de garantir o lugar infantil da realização plena. Aquilo que não fomos, mas esperamos um dia ser...

E a fantasia de que “um dia eu era o Rei” e ao centro retorna(rei)... eu não, mas meu filho sim.

Referências

- ARIÈS, P. (1978). *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro, Editora Guanabara.
- CALLIGARIS, C. (1996). “Essas crianças que amamos demais”. In: *Crônicas do individualismo cotidiano*. São Paulo, Ática.
- FREUD, S. (1914). “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago.
- _____.(1908). “Escritores criativos e devaneios”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro, Imago.
- MELMAN, C. (1997). “Sobre a infância do sintoma”. In: BERNARDINO, L. (org.). *Neurose infantil versus neurose da criança*. Salvador, Ágalma.
- VALAS, P. (1991). “O que é uma criança?”. In: MILLER, J. (org.). *A criança no discurso analítico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.